

# CABINDA



## Fazer a diferença

A província mais a norte de Angola deixou de estar isolada e começa agora a mudar a sua imagem unidimensional de enclave petrolífero. Cabinda, depois de enterrado o machado de guerra entre o governo e os separatistas, começa também a recolher os frutos da paz investindo na sua população e reivindicando o estatuto de plataforma económica emergente na região.

## Introdução

# UMA COSTA COM MUITAS RIQUEZAS

A linha costeira de Cabinda tem mais para oferecer do que petróleo *offshore*. O enclave dispõe também de um porto estrategicamente localizado, que o governo provincial está a transformar numa importante plataforma logística para gerir a carga destinada à região metropolitana de Kinshasa-Brazzaville, hoje com 15 milhões de habitantes. Está a ser construída uma enorme ponte para ligar Cabinda – separada do resto do país por uma estreita faixa de 40 quilómetros da República Democrática do Congo – a Angola, que deverá estar concluída em 2012. Até lá, a província tem por meta diversificar a base da sua economia e melhorar as condições de vida da população, apostando na requalificação urbana, como é o caso do bairro “A Vitória é Certa”. **POR RUI PAULO SILVA**

O enclave de Cabinda tem 265 mil habitantes e representa cerca de 70% das exportações petrolíferas de Angola. O seu isolamento geográfico do resto do país tem tido custos económicos e sociais. O projecto de construção da ponte, estimado em 2,55 mil milhões de dólares (1,91 mil milhões de euros) – o mais ambicioso alguma vez traçado para Cabinda – vai permitir reduzir custos e aumentar o fluxo de pessoas e bens, cujo transporte é actualmente assegurado por via aérea ou marítima. A China Road and Bridge Corporation vai construir esta infra-estrutura de 19 quilómetros que atravessa a região de Muanda, na vizinha República Democrática do Congo, para pôr cobro, de uma vez por todas, ao isolamento do enclave.

Cabinda está também focalizada noutros aspectos-chave do desenvolvimento. A estratégia do governo provincial visa diversificar a base da sua economia para não estar unicamente dependente do petróleo. O governo acredita que o desenvolvimento do sector portuário, em paralelo com o de outras indústrias como a madeira, o turismo e a hospitalidade, é a melhor maneira de atingir este objectivo. Em Janeiro de 2010, Angola recebe a Taça das Nações Africanas – o

principal campeonato de futebol do continente africano que funciona como prelúdio ao Mundial de Futebol a realizar no final desse ano na África do Sul – e Cabinda será uma das cidades anfitriãs. A província prepara-se para esse momento de glória e para o fluxo de visitantes estrangeiros. Estão em construção três novos hotéis – Sana Cabinda, Cristo Rei e Três AAA –, que irão quase duplicar a sua capacidade hoteleira. Quando a Taça terminar, os hotéis esperam poder dar resposta ao crescimento no sector do turismo: Cabinda tem um leque de actividades para oferecer aos visitantes que vai dos desportos aquáticos à pesca submarina, além de belas praias como as de Futila, Cabasango e Mandarin, onde a temperatura média anual oscila entre os 22 e os 27 graus centígrados.

Cabinda tenciona usar a sua localização estratégica no Oceano Atlântico para desenvolver um porto de águas profundas de nível mundial, que possa, não só servir Angola, mas também os países vizinhos como a República do Congo e a República Democrática do Congo. A nova plataforma portuária inspira-se no modelo do Dubai e, conforme prometido pelo governador provincial José Aníbal Lopes Rocha, contará com

empresas privadas como principais operadores (ver entrevista nas páginas seguintes).

As autoridades de Cabinda estão actualmente a revitalizar as instalações existentes para integrar serviços-chave e reduzir o tempo de retorno das embarcações. Um modelo *one-stop* vai disponibilizar todo um leque de serviços: bancários, aduaneiros, imigração e inspecção, saúde e veterinários. “A ideia é facilitar a vida aos clientes. Não terão de sair do porto para resolver o que quer que seja”, explica Artur Carvalho, gestor de operações do Porto de Cabinda. Margarida Arsénio, directora do departamento de inspecções acrescenta: “Dentro de algum tempo poderemos receber embarcações de grande porte e, consequentemente, aumentar o volume de negócios em termos nacionais e internacionais”. A floresta é outro dos principais recursos da província, especialmente a Mayombe. As autoridades de Cabinda elegeram como prioridade o desenvolvimento dos recursos florestais para reforçar o tecido económico da região. Cabinda já exporta madeira, porém, a estratégia de desenvolvimento do governo também visa criar uma indústria transformadora competitiva, bem como atrair investidores estrangeiros com





*know-how* interessados em construir instalações na região. O solo de Cabinda também se presta à plantação de café e de coqueiros e à produção de óleo de palma.

O resto do mundo continua, no entanto, a ver Cabinda como um enclave petrolífero. Para o desenvolvimento *onshore* ser bem sucedido terá que integrar o processo de transformação social e de reconstrução hoje em curso em Angola. O projecto de reabilitação do bairro “A Vitória é Certa”, em Cabinda, é um exemplo da ambiciosa abordagem do governo desta provín-

cia. O plano de requalificação do bairro é em tudo vanguardista: respeita a arquitectura popular local e nenhuma das estruturas existentes será demolida. O plano contempla, tanto a opinião da população local, recolhida através de entrevistas e de observações no terreno, como a perspectiva das diferentes autoridades do bairro.

Uma empresa brasileira com experiência na modernização de bairros de lata é responsável pela implementação do projecto, que visa transformar, em dois anos, um bairro pobre e desor-

ganizado num local que garanta as necessidades da população de “A Vitória é Certa” nas áreas da educação, saúde e cultura.

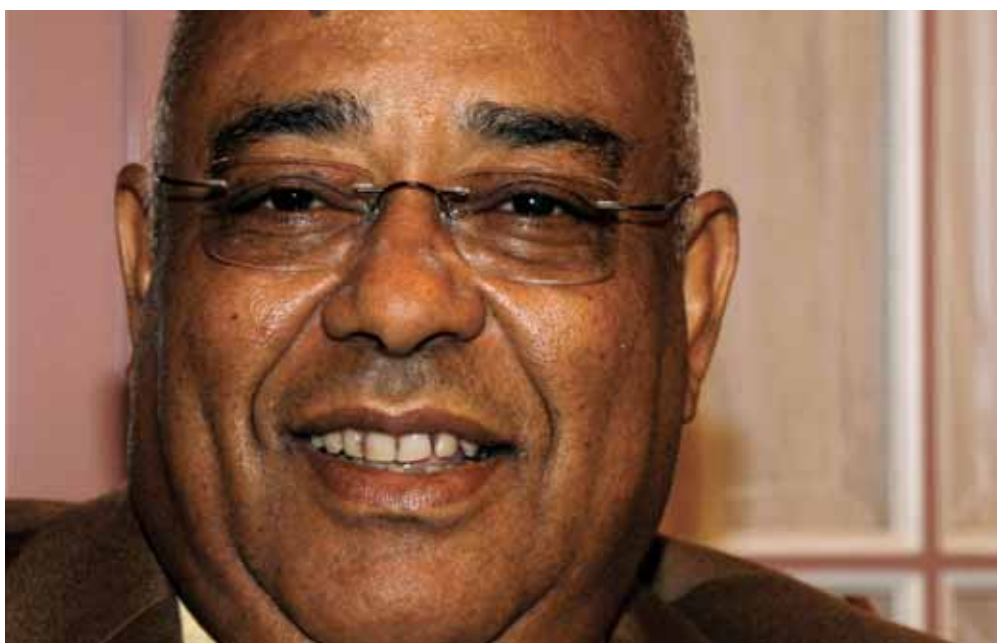
Enquanto as plataformas *offshore* das grandes petrolíferas continuam a consolidar o estatuto de Cabinda como produtor de petróleo de nível mundial, cujas reservas estão estimadas em 30 anos, *onshore*, o betão prossegue os seus avanços. Um e outro retratam uma província na senda do desenvolvimento económico e focalizado na melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. ■

Entrevista

## Peninsula Press entrevista Aníbal Rocha, Governador de Cabinda

por Rui Paulo Silva

# “CABINDA É MAIS DO QUE PETRÓLEO”



Cabinda é mais do que uma zona de extracção de petróleo e está hoje empenhada em transformar-se numa plataforma de infra-estruturas para a região circundante, e em atrair investimentos para a indústria florestal e do turismo. O governador de Cabinda, José Aníbal Lopes Rocha, mostra-se, no entanto, extremamente orgulhoso com o desenvolvimento social da sua província.

### **O presidente José Eduardo dos Santos conduziu Angola a uma “Nova Era”. Em que se traduziu esta “Nova Era” para Cabinda?**

Importa lembrar que este país foi devastado pela guerra e que a sua economia esteve paralisada durante anos. Reposta a paz, o presidente e o governo estabeleceram três grandes objectivos integrados no programa de reconstrução nacional.

Primeiro, reparar as infra-estruturas destruídas. Segundo, aliviar o trauma da guerra através da reconciliação nacional. Terceiro, vencer o combate contra a pobreza. Até agora, o programa tem sido um sucesso. Tal como o presidente esperava, o país transformou-se num gigantesco estaleiro de construção.

### **Que progressos se têm registado em Cabinda?**

Tomemos o sector da água como exemplo. Quando iniciámos o programa de reconstrução, em 2002, a nossa província consumia cerca de 118 mil litros de água por hora. Era difícil viver na cidade de Cabinda porque não havia água suficiente para todos. Hoje em dia, e graças aos investimentos feitos, conseguimos distribuir 979 mil litros de água por hora e abastecer inclusive os arredores da cidade. No caso da rede eléctrica, a capacidade instalada não ia além dos 4 MW, o que

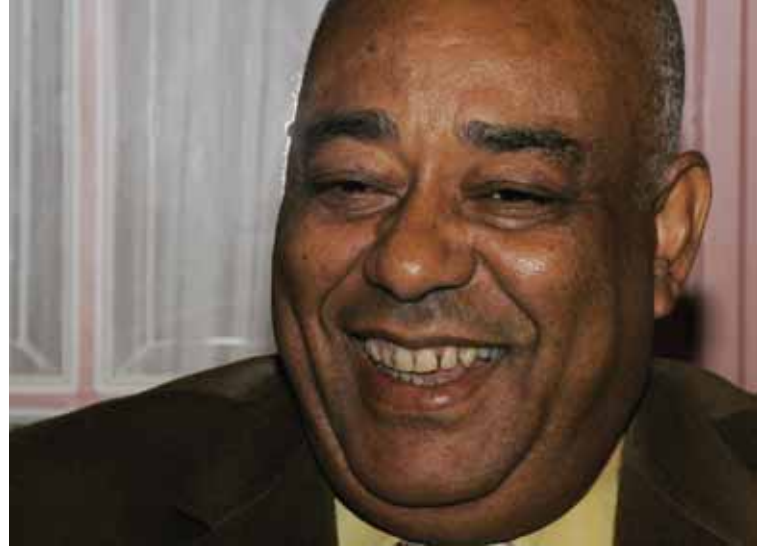
também não chegava para todos. Actualmente, geramos perto de 62MW. Todos estes desenvolvimentos têm ajudado a melhorar a situação económica e social da nossa província.

No que respeita aos cuidados de saúde, temos hoje centros de saúde a funcionar nos arredores da cidade e existe um plano de reestruturação do Hospital Central de Cabinda, com vista a transformá-lo num centro de ensino. Está actualmente em construção o novo hospital regional para servir a população da região norte da província. Temos ainda médicos e cuidados de saúde em todas as comunas e municípios. E importa lembrar que os jovens são um pilar para o desenvolvimento de qualquer país.

### **Que medidas foram tomadas para melhorar o acesso à educação?**

Estão em curso diversos programas especiais para estimular a educação. Asseguramos, diariamente, o almoço a mais de 90 mil crianças. No início do ano lectivo, distribuimos batas ou uniformes produzidos por empresas locais, bem como um *kit* com material escolar. Todas as crianças de Cabinda vão à escola.

Temos também a Universidade Agostinho Neto, que oferece cursos em Ciências da Educação, Direito e Economia. O pólo do município de Buco-Zau oferece ainda cursos na área da Psicologia e da Pedagogia. No ano passado, foi criada a Faculdade de Medicina. Além do ensino superior público, temos também três universidades privadas: o Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), a Lusíada e a Universidade Aberta. Todas elas têm alunos com bolsas financiadas pelo governo provincial, embora haja outros que estudam na capital, Luanda, e no estrangeiro, em países como os Estados Unidos, Cuba, Brasil, Portugal, França, Rússia, África do Sul, Namíbia e República Democrática do Congo. Investimos cerca de 3



milhões de dólares (2,25 mil milhões de euros) em bolsas de estudo para formar técnicos locais no estrangeiro, muitos dos quais começam agora a regressar a Cabinda. Muitos dos serviços que operamos são hoje geridos por profissionais cuja formação foi financiada pelo governo provincial. Queremos agora congregar estes esforços e construir um *campus* universitário onde se concentrem todas as universidades e abrir uma escola de Engenharia que ofereça cursos de Ciências Informáticas e promova o estudo de todas as questões ligadas ao petróleo – duas áreas-chave no futuro.

#### **Que pensa das infra-estruturas físicas de Cabinda?**

Reconstruímos a rede de estradas e as infra-estruturas do aeroporto, e alcatroámos as auto-estradas que ligam o Norte ao Sul. Cabinda tem um aeroporto equipado com tecnologia de última geração. É um modelo para o resto do país e, quem sabe, para todo o continente africano. Recebemos 300 voos por semana e esperamos poder receber voos internacionais em 2010. Os nossos portos marítimos foram igualmente requalificados e já existem planos para iniciar a construção de um porto de águas profundas em Cabinda.

#### **Qual é o objectivo estratégico de todos estes projectos?**

A médio prazo, queremos transformar Cabinda na plataforma logística de toda a região. A nossa província poderá, assim, servir quatro grandes centros comerciais localizados a 300-400 quilóme-

tros: Luanda, Kinshasa, Brazzaville e, eventualmente, o Gabão. Acreditamos que a criação de um porto de águas profundas e de uma plataforma logística em Cabinda é uma aposta estrategicamente importante, não só para Angola, como para toda a região circundante.

Cabinda é, hoje, depois de Luanda, a província que mais contribui para o orçamento nacional, isto sem contar com as receitas do petróleo. É um motivo de satisfação para nós e uma das razões que nos leva a dizer que Cabinda não é apenas petróleo.

#### **Quais são os outros recursos naturais com potencial?**

A floresta de Mayombe, em Cabinda, tem vastos recursos. Reorganizámos o sector florestal e implementámos um conjunto rigoroso de medidas regulatórias, bem como políticas de supervisão, e os retornos têm sido bastante positivos. Também investimos fortemente nas telecomunicações. Cabinda está hoje ligada ao resto do mundo, não só via Internet, mas também através de um cabo submarino que nos vai ligar às principais capitais europeias. Além disso, dispomos de uma rede de telecomunicações móveis que cobre todos os municípios da província.

#### **Os investidores estrangeiros encontram em Cabinda todas as infra-estruturas de que necessitam para apoiar os seus investimentos?**

Temos criado infra-estruturas para receber os investidores. E temos aquilo a que chamo “áreas por explorar” que carecem de investimento,

como a agricultura e a criação de gado, por exemplo. Temos minério, ouro e madeira. Além disso, o projecto de transformar Cabinda numa plataforma logística regional vai traduzir-se em oportunidades para os investidores. Isto porque, embora o Estado financie o projecto, a maioria dos operadores vão ser empresas privadas. Estudámos o modelo do Dubai e é mais ou menos isso que tentamos aplicar em Cabinda.

Também temos grande potencial ao nível do ecoturismo. Além da floresta de Mayombe, temos outros focos de interesse como a costa e as suas praias magníficas, onde se podem desenvolver projectos muito interessantes. Oferecemos incentivos ao investimento para manter os custos baixos, como a isenção fiscal sobre certo tipo de terrenos e a eliminação de comissões no caso do fornecimento de serviços como água e electricidade.

Estamos também a trabalhar no centro de desenvolvimento industrial de Futila, uma plataforma logística localizada junto das instalações petrolíferas do Malongo, onde existem numerosas oportunidades para se desenvolver serviços de apoio.

Estes indicadores são suficientemente apelativos para que os investidores se sintam motivados a escolher Cabinda. Aliás, este é o momento certo para o fazerem. Já temos alguns investimentos previstos para a indústria da hospitalidade, onde existem fortes carências. A isto acresce o facto de a exploração petrolífera também ser feita *onshore* e não apenas *offshore*, ou seja, é mais um recurso a explorar. ■



Spotlight

# SPOTLIGHT: CABINDA

O romance *Mayombe*, do popular escritor angolano Pepetela, é um excelente cartão de visita ao universo de Cabinda – uma porta de entrada para a história de uma província que muitos conhecem apenas pelo petróleo e uma forma de medir a visibilidade dessa mesma história.



01

Pepetela descreve vividamente a luta de guerrilha do Movimento Popular para a Libertação de Angola contra a potência colonial, Portugal, no ambiente mágico da floresta.

Cabinda é um enclave geograficamente separado do resto de Angola. É uma das 18 províncias do país, tem 7.283Km<sup>2</sup> e 265 mil habitantes. A capital provincial, também chamada Cabinda, inclui ainda os municípios de Cacongo, Buco-Zau e Belize.

Cabinda foi, em tempos, parte do antigo reino do Congo. A Conferência de Berlim de 1884-85, na qual as potências coloniais dividiram o continente africano, entregou Cabinda a Portugal. A Bélgica assumiu o controlo do que é hoje a República Democrática do Congo (ex-Zaire) e a França passou a administrar a actual República do Congo.

Depois da independência de Angola, em 1975, a Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) reivindicou o direito à independência do território. Em 2007, a FLEC abandonou a reivindicação e pôs fim à luta armada assinando um acordo de paz e reconciliação com o governo de Angola. O actual governador de Cabinda, José Aníbal Lopes Rocha, está em funções desde 2002 depois de ter desempenhado o cargo de governador da província de Luanda.

# CABIN

## A PROVÍNCIA DAS OPORTUNIDADES



### Educação

A população da província tem acesso a todos os níveis de educação. Além do sistema público, estão presentes no território três universidades portuguesas: ISPA, Lusíada e Universidade Aberta. O governador de Cabinda mostra-se orgulhoso com o facto de todas as crianças do enclave terem acesso à educação pública. Em 2007, a província tinha 264 escolas públicas e 20 instituições de ensino privadas, e um total de 4.173 professores. O governo provincial cobre os custos do material escolar, assegura as refeições dos mais jovens e atribui bolsas a estudantes universitários para estes estudarem no estrangeiro, tendo em vista o desenvolvimento das competências dos profissionais locais.

# NO CENTRO DA REGIÃO



02



03

## Saúde

As instalações do hospital central de Cabinda estão a ser renovadas e encontra-se também em curso a construção de um novo hospital no norte da província. Segundo dados de 2007, Cabinda dispõe de uma rede de 134 unidades de cuidados de saúde que engloba hospitais, clínicas e centros de saúde locais, emprega 2.381 profissionais nacionais e 41 expatriados. Em 2007, o hospital central admitiu 18.557 pacientes e prestou 96.478 consultas, registando uma média diária de cerca de 264 pacientes. As áreas mais procuradas foram a pediatria e a obstetria. As autoridades provinciais têm dado particular atenção aos cuidados de saúde e sublinham que esta política permitiu dotar todas as comunidades e municípios de cuidados de saúde e equipas médicas.

# DA



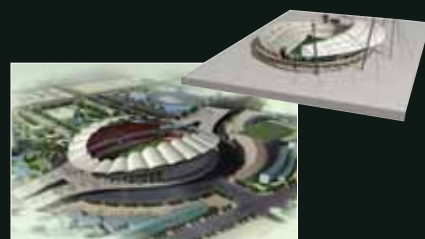
04

- 01 Dos mistérios da floresta tropical de Mayombe à areia negra das suas bellissimas praias, Cabinda tem tudo para fomentar o turismo em larga escala.
- 02 Vista aérea de Cabinda
- 03 Em Cabinda, 65% da população tem menos de 25 anos e, por esta razão, a educação e os cuidados de saúde são importantes prioridades para a administração.
- 04 O porto de Cabinda desempenha um papel vital para a sua economia dado o isolamento geográfico da província do resto de Angola.



## Infra-estruturas

A rede de telecomunicações de Cabinda opera eficientemente. O sector energético, as estradas e os serviços sanitários estão também a ser alvo de melhoramentos. O governo provincial também procedeu à reabilitação do aeroporto: os voos regionais aumentaram significativamente e prevê-se que os primeiros voos internacionais comecem a operar em 2010. O sector portuário tem igualmente sido objecto de grandes investimentos para aumentar a sua capacidade e reduzir o tempo de retorno das embarcações. A política do governo está especialmente focalizada na expansão das infra-estruturas públicas com vista à criação de uma plataforma logística que possa servir Cabinda e toda a região circundante.



Recursos

# RESERVAS DE PETRÓLEO ESTÃO PARA DURAR

Cabinda: no mundo do petróleo é um nome que se associa imediatamente ao ouro negro. A província detém dois terços das reservas petrolíferas de Angola e a produção continua a crescer. Em 2008, Angola produziu dois milhões de barris por dia, superou a Nigéria e tornou-se no maior produtor de petróleo africano, aumentando a capacidade, face a 2007, que se situou em 1,64 milhões de barris de petróleo por dia. A produção será reduzida este ano, uma vez que Angola, hoje membro da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), ter de cumprir as decisões tomadas por este grupo. A influência de Angola não pára, contudo, de crescer: a presidência da OPEP está, este ano, nas suas mãos.



Os especialistas acreditam que Angola vai consolidar, nos próximos anos, a sua posição de líder na produção de petróleo. Segundo algumas estimativas, será um dos dez maiores produtores em 2011 com mais de 3 milhões de barris por dia. As reservas de Angola estão estimadas em 13,5 mil milhões de barris que poderão durar mais de 30 anos. Outro activo importante: as petrolíferas preferem o crude de Angola, e de outros países africanos, por ter menos enxofre do que as categorias produzidas no Médio Oriente.

Cabinda iniciou a produção de petróleo em 1968 com uns modestos 30 mil barris por dia. No final de 2009, prevê-se que produza 620 mil barris por dia quando o campo petrolífero Tombwa/Landana, operado pela Chevron, iniciar a produção. A empresa americana tem planos ambiciosos para Cabinda, onde prevê investir 10 mil milhões de dólares (7,5 mil milhões de

euros) até 2010. Parte deste valor vai financiar a conclusão do terminal de gás liquefeito, iniciado em 2008, que terá uma capacidade de produção de 5,2 milhões de toneladas por ano.

Cabinda tem vindo a diversificar a exploração e produção petrolífera, até agora limitada à perfuração *offshore*. Um consórcio liderado pela empresa australiana Roc Oil está, actualmente, a perfurar o poço Massambala-1 no Bloco Sul de Cabinda, uma zona *onshore*. Este projecto vai abrir uma nova frente e, muito provavelmente, impulsionar a exploração dos recursos da região. A Roc Oil detém uma participação de 60% no consórcio com outros dois parceiros, Sonangol e Force, cada um com 20%. Entretanto, o consórcio Cabinda Golf Oil Company, composto pela Sonangol, Eni, Total, Galp e Chevron, continua a apostar no desenvolvimento *offshore*. A Chevron opera nos Blocos Zero e 14, e detém uma participação de 39,2% e 31%, respectivamente.

A petrolífera nacional, Sonangol, reputada pela sua competência técnica, é o único concessionário para a exploração de gás e petróleo no país. Além de negociar com os gigantes internacionais, a Sonangol fica igualmente com uma fatia do negócio.

O papel de Angola enquanto produtor petrolífero foi reconhecido este ano quando o ministro do Petróleo, José Maria Botelho de Vasconcelos, foi nomeado presidente da OPEP. A sua nomeação confirma também a crescente importância política de Angola, especialmente como contraponto à Nigéria, o outro grande produtor africano, que atravessa, actualmente, um período de instabilidade. Botelho de Vasconcelos, embora tenha assumido a presidência da OPEP num momento particularmente difícil, devido à queda dos preços do petróleo, logrou consensos ao nível de medidas-chave como a redução da produção. **R. P. S.** ■



USA Office  
1050 Connecticut Avenue,  
NW, 10th floor, Suite 1000  
Washington DC, 20036 - USA  
www.peninsula-press.com

Spain Office  
Paseo de la Castellana,  
95. 15 Planta 28046 Madrid - Spain  
Tel +34 91 418 50 32  
info@peninsula-press.com

Editor Stella Klauhs  
Directora de projecto José Powell  
Director de Pesquisa e Informação Emanuele Giusto  
Redacção Rui Paulo Silva

Tradução Ana Pina  
Revisão Ana Godinho  
Design Nuno Teixeira, Marta Conceição  
Fotografia Emanuele Giusto, SXC, Peninsula Press